

# Dívida, assunto político

5 SET 1985

## ODACIR SOARES

Redução das taxas de juros, tabelamento de preços de produtos de primeira necessidade, maior rentabilidade das cadernetas de poupança, austeridade nos gastos públicos etc. São todas medidas importantes, dignas de crédito, necessárias mesmo. Mas para vencer o grande vilão, o inimigo maior, são apenas paliativos. Para derrotar a inflação brasileira, que em agosto atingiu o índice maior de toda a História, só há uma medida, que não é paliativa: a negociação política da dívida externa.

Urge que consigamos, através dos nossos negociadores, do Governo, congelar o principal da dívida por um espaço de tempo que nos permita aplicar na economia interna os dólares mensalmente remetidos ao exterior. Só de juros, pagamos a bagatela de dez bilhões de dólares a mais. Com tal compromisso, torna-se humanamente impossível vencer a inflação. Essa que é a verdade, cristalina.

No dia 20, o Presidente Sarney fará um discurso em Nova Iorque, na Assembleia Geral das Nações Unidas, em que convocará os países do Ocidente para um mutirão comum contra a fome, a miséria, o desemprego. Defenderá o Presidente da República o fim do protecionismo e repudiará a maneira paternal, tutelar, com que têm sido tratadas as nações menos favorecidas do chamado Terceiro Mundo.

Política correta, esta do Presidente José Sarney. Mas, repito, de caráter temporário, de eficácia du-

vidosa. Quaisquer instrumentos ditos "milagrosos" de que lancemos mão para acabar com a já histórica pobreza do nosso povo, que não seja a negociação política da assombrosa dívida externa do Brasil, não passarão de tentativas Vãs de tapar o sol com a peneira.

Todo cidadão brasileiro medianamente informado sabe que, enquanto continuarmos submetidos ao jugo tirano dos juros da dívida, estaremos fadados à estagnação econômica e, em consequência, à pobreza aviltante.

Somos um País de dimensões continentais, riquíssimo em insumos naturais, de população obreira e indole pacífica. Mas toda essa riqueza natural reverterá em benefício exatamente daqueles que menos precisam, dos países mais ricos, se nossa dívida, o principal dela, não for congelada.

Como construir, criar empregos, crescer, enfim, diante de tamanho compromisso? Os brasileiros nascem, todos, sem exceção, com um tipo novo de pecado original, para o qual o Batismo é ineficaz: quando nasce um bebê, em qualquer ponto do Brasil, ele já adquire um débito de mil dólares por conta da dívida externa. Tanto faz no Sul como no Norte. Agora, pergunto: que argumento vencerá um pai de família nordestino, de parca economia familiar, lutando contra a fome, a pagar mil dólares referentes a cada um de seus filhos aos mais ricos senhores da terra? É bem próprio do teatro do absurdo de Ionesco.

A dívida externa, repito,

tem que ser negociada politicamente. Esqueçamos as cifras e partamos para argumentos de teor social. Enquanto pagarmos os juros, passaremos fome. É simples, como é simples o remédio para este mal: não pagar.

Esta postura, que pode chamar de moratória, não é apenas minha, mas de todo o homem de bom senso deste País, cujo Exército vem seguidamente rejeitando recrutas porque estes não têm saúde; sofrem do mal da fome, da subnutrição. É conhecido o ditado: as crianças de hoje serão os homens de amanhã. Acontece que nossas crianças já nascem devedoras. E inadimplentes. Um país assim não tem futuro, não tem presente. Vamos negociar politicamente a dívida. Aos credores, o argumento maior: a fome do nosso povo.

A Argentina acaba de adotar uma política própria para combater a inflação. Quero apenas lembrar esse fato, para que não o copiemos. A fórmula argentina traz a recessão. E a recessão, é evidente, só agrava o estado de pobreza de um país. O Brasil pode e deve combater o vírus da inflação, mas sem que o remédio traga em si o efeito colateral da recessão. Não vamos — e já dizia isso o saudoso Presidente Tancredo Neves — pagar a dívida à custa da fome do povo. Principalmente porque não foi o nosso povo quem contraiu tão monstruoso compromisso.

Odacir Soares é senador pelo PDS de Rondônia